

INTERFERÊNCIA ENTRE A LÍNGUA PORTUGUESA

E UM DIALETO ALEMÃO \*

*Christa Ingrid Kahmann\*\**

\* A pesquisa em epígrafe - que constitui dissertação de mestrado em Lingüística Aplicada pela Universidade Federal de Santa Catarina-, foi desenvolvida sob orientação do Prof. Dr. Paulino Vandresen, obtendo aprovação, no dia 28 de agosto de 1987. Logo após, no dia 03 de setembro, foi apresentada sob forma de comunicação no VI Encontro de Estudos do Bilingüismo e Variação Lingüística da Região Sul, em Curitiba (UFPR).

Apresentamos, neste artigo, uma resenha, detendo-nos mais demoradamente na segunda parte, qual seja, a pesquisa sociolingüística. Não constam aqui, outrossim, os anexos, em número de 22, com o detalhamento de todos os passos percorridos.

\*\*Professora das Faculdades Integradas de Santa Cruz do Sul.

## INTRODUÇÃO

A partir da hipótese de que, na fala, a interferência ocorre repetidamente em expressões do falante bilíngüe como resultado do seu conhecimento pessoal da outra língua, a pesquisa aqui apresentada pretendeu promover o levantamento dos registros da fala em uso na localidade de Sinimbu, 4º Distrito de Santa Cruz do Sul, RS, e descrever o bilingüismo -português/alemão- daquela comunidade típica. Procurou-se, com isto, descobrir o porquê das dificuldades encontradas pelas escolas da região quanto ao aprendizado escolar; e, ainda, oferecer subsídios e embasamentos metodológicos para uma justificativa de proposta do ensino da língua alemã, paralelo ao do Português, nas escolas da região de colonização germânica.

A escolha da área de estudo não foi fruto do acaso: localizado no centro geográfico do município gaúcho de Santa Cruz do Sul, é, dos dez distritos, um dos mais conservadores em matéria de costumes e aspecto lingüístico herdados dos seus ancestrais teutos.

A pesquisa realizou-se entre agosto de 1985 e dezembro de 1986, período no qual foram aplicados questionários, visitas, entrevistas e testes, nos moldes da pesquisa de Nancy C. Dorian (1981), em Sutherland, leste da Escócia, com o objetivo de analisar o grau de fluência dos informantes da comunidade lingüística de Sinimbu, que, devido à sua característica bilíngüe, está exposta a contatos lingüísticos de dois idiomas. Aliás, a própria expressão contatos lingüísticos sugere-nos logo a exposição de situações de comunicação com falantes de outra língua, o que afeta tanto o indivíduo como a comunidade toda. Segundo Vandresen (1980), quanto ao teuto-brasileiro, pode o mesmo tornar-se ou não bilíngüe, dependendo de fatores que o levem a tal, ligados ao "grau de bilingüismo, à função das línguas em contato, à alternância do uso dessas línguas e ao grau de interferência de umas sobre as outras." (Vandresen, 1980:371).

No Brasil, diversos pesquisadores vêm-se interessando pelo estudo da interferência da língua portuguesa no alemão aqui falado; destacamos, entre outros, Oberacker (1939 a 1957), Schaden (1942), Willems (1946), Bossman (1958), Fausel (1959), Vandresen (1963 e 1980), Koch (1968 e 1974) e Staub (1983).

Com relação aos fatores de ordem social que interferem no comportamento lingüístico dos imigrantes, é preciso considerar o papel da escola e o das religiões, como dos mais decisivos:

A exemplo de outros núcleos de imigração germânica,

também no Rio Grande do Sul não existiam praticamente escolas públicas no primeiro século de colonização; os professores eram, com frequência, alemães. Quando se iniciou a Campanha de Nacionalização, na década de 1930, com o objetivo de integrar os imigrantes e seus descendentes na sociedade brasileira, recrudesceram também, isto em 1937, as medidas contra as escolas alemãs, sendo inclusive fechadas, em 1942, durante a Segunda Guerra. Mais: proibiu-se o uso do alemão.

Dependendo de até que ponto foram afetadas pelas ocorrências históricas, as comunidades de imigração germanica podem apresentar diferentes graus de bilingüismo, conforme sumaria Vandresen (1980:377):

*"a) de 1829 a 1911, o governo manteve uma atitude liberal quanto à existência de escolas alemãs e foi omissa na criação de escolas públicas. Por isso, só os teuto-brasileiros que frequentaram escolas públicas poderiam ter, normalmente, um domínio razoável do português; b) de 1911 a 1920 ampliam-se as escolas públicas e condiciona-se a ajuda econômica do poder público ao ensino do português. A guerra provoca o fechamento das escolas por dois ou três anos. O efeito dessas medidas, entretanto, ficou restrito às áreas urbanas e distritos maiores; c) 1920 a 1930 -ressurgimento das escolas particulares nas comunidades maiores e na medida em que havia professores habilitados dava-se maior ênfase ao ensino do português; d) 1930 a 1946 - época da Campanha da Nacionalização. A legislação e as medidas administrativas obstruíram cada vez mais as escolas alemãs. A guerra, a propaganda nazista, a repressão, o fechamento das escolas e a proibição de falar alemão são fatos dessa época."*

A Igreja também teve grande importância para a conservação da língua materna dos imigrantes: a ela cabia fundar e manter escolas, jornais e revistas alemãs. Os pastores da Igreja Protestante eram formados na Alemanha; não raras vezes desconheciam o idioma português. Ainda hoje, na localidade de Sinimbu (Linha Rio Pequeno), o pastor da Igreja Evangélica é alemão; jovem, próximo dos quarenta anos de idade, já se desempenha razoavelmente bem no idioma português, mas muitas de suas atividades são realizadas em alemão, o que não desagrade seus paroquianos, em especial os mais idosos. Quanto à Igreja

Católica, desde o início mantinha encontros semanais com a sociedade luso-brasileira, tradicionalmente católica.

Na presente pesquisa, elaborou-se, também, com base nas gravações feitas na segunda etapa, um glossário resultante das respostas às duzentas palavras e expressões aplicadas aos informantes, mais outras extraídas das baterias de frases, com destaque para a maior frequência de uso, a fim de ilustrar com mais clareza o grau de interferência entre o português e o alemão, como fruto do contato lingüístico.

## 1 - HISTÓRICO DE SANTA CRUZ DO SUL

### 1.1. Colonização

São 163 anos de colonização alemã no Rio Grande do Sul e 109 de emancipação política de Santa Cruz do Sul, ocorrida em 28 de setembro de 1878.

Os primeiros colonizadores de Santa Cruz do Sul, como os que os antecederam em julho de 1824 na instalação do primeiro núcleo colonial alemão em São Leopoldo, trazim o coração cheio de esperança e a disposição de construir uma nova Pátria para si e seus filhos. Certamente era este o estado de espírito de August Wuttke, sua mulher Francisca com seus quatro filhos, de Friedrich Tietze e sua irmã Carlotta, de August Raffler, August Mandler, Gottlieb Pohl (era noivo; gostou da terra e mandou vir aquela que se tornou sua esposa, Johanna Ernestina Schunder Pohl) e August Arnold, que a história registra como os fundadores da Colônia de Santa Cruz, a 19 de dezembro de 1849. Eles plantaram a semente, que frutificou e hoje se constitui no pujante município de Santa Cruz do Sul.

Mais tarde, em janeiro de 1850, aqui chegava a segunda leva de colonizadores alemães, integrada por setenta e seis pessoas, que, um ano depois, era acrescida com mais oitenta e três colonizadores. Provinham de diversas províncias que formavam a Confederação Germânica, como o Reno, a Silésia, a Prússia, a Pomerânia, a Turíngia, a Saxônia, a Westfália, o Hannover e Oldenburg, com predomínio de imigrantes das províncias alemãs do norte.

Desde o início, constata-se o trabalho árduo desenvolvido pelo imigrante. As primeiras sementes de fumo chegaram à Colônia de Santa Cruz em 1851, vindas de Cuba, Havana; isto, dois anos após a fundação da Colônia.

### 1.1.1. Educação

A par da atividade agrícola, o imigrante alemão sempre se mostrou preocupado com a alfabetização dos filhos. Em março de 1853, os colonos contrataram Erdmann Georg Richard Wolfram como professor, servindo também de pastor leigo para os evangélicos. A primeira escola pública, na Colônia, surgiu em 1854, na Picada Velha, tendo Adolfo Hoffmann como primeiro professor. Na povoação, as primeiras escolas surgiram em 1859, com o professor Adolfo Hoffmann e, no ano seguinte, com dona Carolina Ortiz da Motta. Ainda no período colonial, em 1870, foi fundado o atual Colégio Mauá e, no ano seguinte, o atual Colégio São Luís; em 1874, surgia o atual Colégio Sagrado Coração de Jesus. O primeiro deles é evangélico; os outros dois, católicos, respectivamente mantidos pelos irmãos maristas e freiras franciscanas.

### 1.1.2. Religião

Os imigrantes também sempre foram muito religiosos, como é sabido. Os católicos, desde o início, eram atendidos pelos padres de Rio Pardo, que, no entanto, não falavam o idioma alemão. No dia 15 de junho de 1860, chegou o primeiro vigário, padre Manuel José da Conceição Braga. Na povoação, a Igreja Católica estava praticamente concluída em 1863, quando chegou o padre José Stür, de nacionalidade alemã. Na colônia, a primeira comunidade evangélica, em 1859, surgiu na Picada Velha. Na povoação, foi fundada em 2 de janeiro de 1862, ficando a igreja pronta para cultos em 1867.

Desde o início, a grande diferença entre os católicos e evangélicos estava no apoio que aqueles tinham, de parte do governo. Pois, enquanto os católicos tinham ministros religiosos e o governo auxiliava e construía suas capelas, a comunidade evangélica teve que lutar sozinha, sem ministros e sem locais apropriados para o culto, até que, por iniciativa própria, foram construindo seus templos e formando suas comunidades.

### 1.1.3. Aspecto econômico

Além da grande preocupação pelo aspecto cultural e religioso, a dedicação ao trabalho do imigrante germânico, seu espírito ordeiro e humilde, além de uma grande preocupação com a moral, com os bons costumes e o amor dedicado à sua família e comunidade ficaram desde logo evidenciados. E com tudo isto, é claro que o aspecto econômico também desde cedo mereceu a sua importância. A colônia, inicialmente com visí-

vel predominância agrícola, anos mais tarde, já desenvolvia pequenas indústrias artesanais, que só foram crescendo e desenvolvendo, a ponto de hoje a atividade industrial ser o ponto alto da economia.

Quanto à atividade fumo, em 1857, conforme relatório de Patrício Correia Câmara, vice-presidente em exercício na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul, Santa Cruz produzia 309 arrobas de fumo de galpão. Toda essa produção foi transportada a Rio Pardo, em carrretas ou no lombo de burros.

Sete anos depois, a produção atingia 15.750 arrobas, um crescimento que demonstra como os habitantes se dedicaram a este cultivo. A qualidade do fumo também foi aceitável, pois em 1867, Francisco Hilbig enviou à "2ª Exposição Brasileira" no Rio de Janeiro, uma amostra de fumo colhido em suas terras, obtendo "Menção Honrosa".

Em 1869, no Relatório apresentado por Carlos Trein Fº, constata-se que a Colônia de Santa Cruz exportara quarenta mil arrobas de fumo de galpão, no valor de Rs.270:000\$000. Na época, a Colônia tinha 5.809 habitantes. Em 1872, a Colônia de Santa Cruz foi emancipada, segundo a Lei nº 807. A população então era de 7.310 habitantes.

#### 1.1.4.0 Nome

Hoje, por certo, não são poucos os que se perguntam: Mas por que Santa Cruz do Sul? De onde se originou este nome?

Conta-se, e não se garante até que ponto isto é história ou lenda, que na época da fundação da colônia, vivia no Faxinal um "brasileiro" de nome Cruz. Mantinha uma pequena venda no local e, além disto, fazia medições e indicava aos imigrantes as suas respectivas colônias. Como não poderia ser diferente, o tal Cruz tornou-se muito popular entre os colonos, sobretudo se considerarmos que a venda, até os dias de hoje, especialmente no interior, sempre foi um ponto de encontro e de atração na colônia alemã. É o lugar onde os amigos, os conhecidos se encontram, se reúnem, para trocarem suas impressões, idéias, realizarem seus negócios e sobretudo saberem das últimas novidades.

Desta forma, com o decorrer do tempo, os colonos começaram a usar frequentemente a seguinte expressão: "Wir machen zum Cruz" (Vamos até o Cruz). Daí, para a frase "beim Cruz" (junto ao Cruz) foi um pulo, extirpando-se a seguir o nome de Faxinal. Um pouco mais tarde, com o advento da Paróquia, a localidade oficialmente passou a ser chamada de Santa Cruz.

### 1.1.5. Principais períodos e fatos históricos

De 1849 a 1872, no período colonial, a Colônia de Santa Cruz era subordinada à Província. De acordo com a lei provincial nº 229, de 04.12.1851, cada colônia deveria ter um diretor nomeado pelo presidente da Província. Inicialmente, pois, nomeou-se para a Colônia de Santa Cruz um vice-diretor, Evaristo Alves de Oliveira, subordinado ao diretor da Colônia de São Leopoldo, que era João Daniel Hildebrand. O vice-diretor administrou por pouco tempo, principalmente por não falar a língua alemã.

De 1872 a 1877, Santa Cruz passa a ser distrito de Rio Pardo. A lei provincial nº 1.079, de 31.03.1877, elevou a Freguesia de São João de Santa Cruz à categoria de vila, o que, na época, significava o mesmo que hoje significa a cidade. Com isso, Santa Cruz torna-se município autônomo, deixando de pertencer a Rio Pardo.

Em 28.09.1878, é instalado o governo municipal, antes exercido pela Câmara Municipal, passando a vila a se chamar Vila de São João de Santa Cruz.

A partir dessa data, destacamos mais os seguintes fatos:

Em 1878, ocorre a instalação da Coletoria de Rendas Provinciais e da Delegacia de Polícia; em 1889, a instalação da estação telegráfica e criação da Comarca de Santa Cruz; em 1891, surgimento do jornal "Kolonie", editado em língua alemã, o qual existiu por longo tempo, encerrando suas atividades por ocasião da Segunda Guerra Mundial, após a entrada do Brasil nos combates.

Em 1892, é promulgada a lei orgânica do município; em 1905, a vila é elevada à categoria de cidade (em 19.11), inaugurando-se, na mesma data, o ramal ferroviário, hoje desativado, com a presença do presidente do Estado, dr. Augusto Borges de Medeiros. Em 1906 e 1907, ocorre a instalação de luz elétrica e a rede telefônica, respectivamente; em 1908, ocorre a instalação da rede hidráulica e fundação do Hospital Santa Cruz. Em 1912, é fundado o Tiro de Guerra 289 (em 19.11) e, finalmente, em 1917, chega à cidade o 24º Batalhão de Infantaria.

### 1.1.6. Santa Cruz do Sul hoje

Ocupando o 6º lugar em arrecadação do ICM (Imposto sobre Circulação de Mercadorias) e o terceiro do Estado em IPI (Imposto sobre Produtos Industrializados), Santa Cruz do Sul é hoje um dos mais desenvolvidos e pujantes municípios do Rio Grande do Sul.

Localizado quase no centro do Rio Grande do Sul (Vide Mapa 01) e centro polarizador de uma região agrícola, Santa Cruz tem sua força econômica alicerçada nos setores primário e secundário da produção. É o maior centro produtor e de industrialização do fumo, merecendo o cognome de "Capital do Fumo".

O município possui cerca de nove mil propriedades rurais. A produção anual de fumo alcança 22.453 toneladas (safra 86/87) numa área de 12.307 hectares, tendo instaladas cerca de 8.268 estufas. Muito significativa é, também, a produção de milho, seguido de soja, feijão, arroz irrigado, arroz sequeiro, mandioca, batata-doce e hortaliças. O rebanho leiteiro e o suíno também têm atividade de destaque.

O parque industrial do município ocupa posição de destaque na economia local, com predominância das indústrias de transformação do fumo. Seguem-se as dos setores de mecânica, de alimentos, têxteis, de artefatos de borracha, plásticos e frigorífico, merecendo citação especial uma única na América do Sul na construção de auto-escadas e que também fabrica outros equipamentos para bombeiros. Atualmente, existem mais de duzentas indústrias.

O comércio santa-cruzensense também é bem desenvolvido, destacando-se as lojas de confecções e de gêneros alimentícios. Hoje contamos com mais de mil estabelecimentos comerciais.

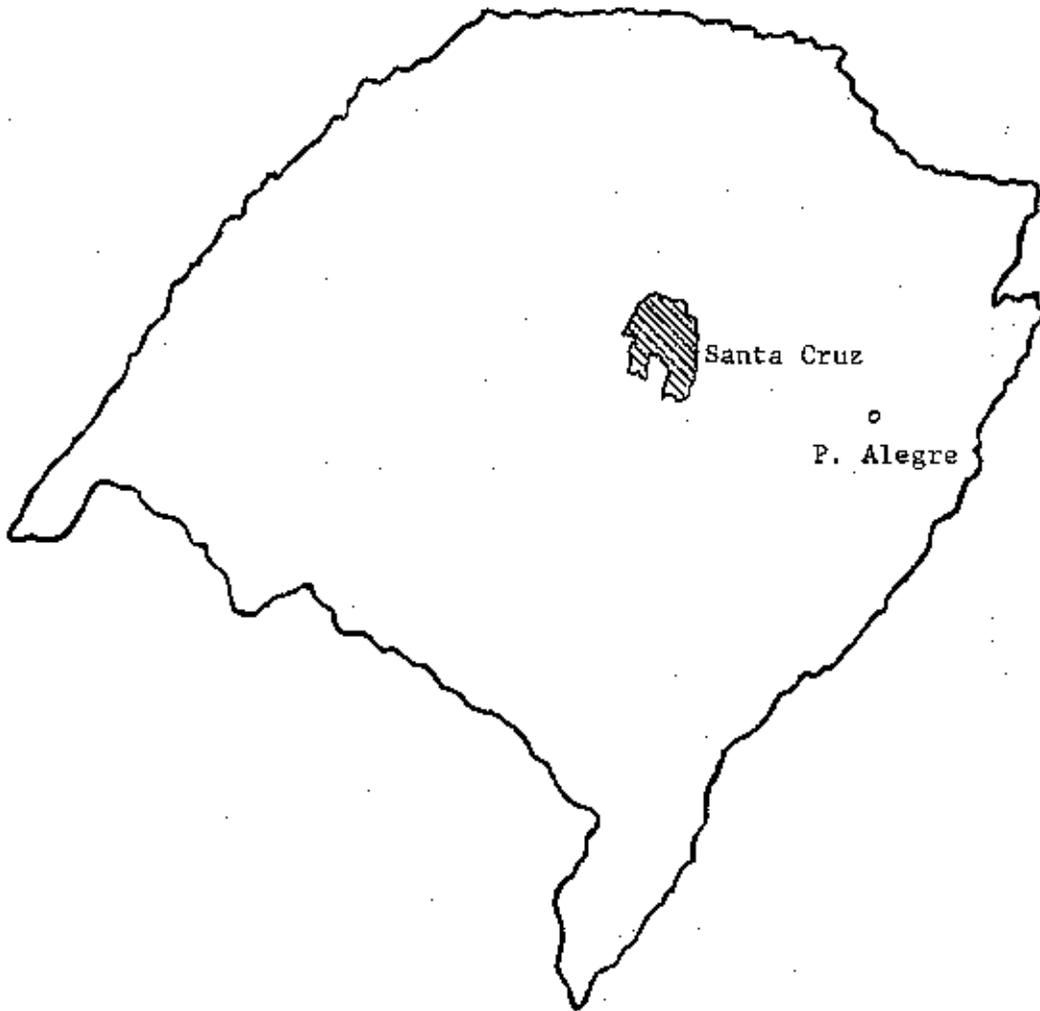
#### 1.1.6.1 Dados gerais

De acordo com o censo demográfico de 1980, viviam nos 1.906 quilômetros quadrados do município 99.636 habitantes, sendo 55.095 na área urbana e 44.541 na zona rural, correspondendo a uma densidade demográfica de 52,27 habitantes por quilômetro quadrado. Atualmente, estima-se que a população santa-cruzensense seja mais ou menos de 120 mil habitantes.

O município está bem servido em rodovias asfaltadas, que o ligam com os diversos municípios do Estado e com a capital; seu aeroporto alinha-se entre os melhores do interior, com pista asfaltada. O município é também sede da Associação dos Fumicultores do Brasil, bem como da Diocese Católica de Santa Cruz, com jurisdição em dezesseis municípios. A Igreja Evangélica de Confissão Luterana, de Santa Cruz do Sul, é atualmente sede do Distrito Eclesiástico, abrangendo mais quatro municípios do vale do Rio Pardo.

Na área da saúde, além de dois hospitais na zona urbana e outros localizados na zona rural, existe uma agência da Previdência Social e vários postos de saúde, espalhados na cidade e no interior.

RIO GRANDE DO SUL



Mapa nº 01

Na área das comunicações, além da central da CRT e da agência da ECT, o município dispõe de três emissoras de rádio (duas AM e uma FM), dois jornais e um jornal-revista. Também é servido por um sistema multicanal, que permite a captação da imagem de cinco canais de televisão da capital do Estado.

Ainda vale registrar a atuação em Santa Cruz do Sul de uma unidade do Exército Nacional, uma companhia da Brigada Militar e corpo de Bombeiros.

Proliferam, na cidade e no interior, centros sociais, esportivos e recreativos, muitos deles conservando ainda bem marcantes as tradições germânicas do nosso povo.

#### 1.1.6.2 Distritos e bairros

O município de Santa Cruz do Sul está dividido, atualmente, em dez distritos (Vide mapa 02). O 1º distrito (sede) compreende a cidade e as linhas adjacentes: João Alves, Cerro Alegre, São João da Serra, Dona Carlota, Capão da Cruz, Entrada Rio Pardinho e Santa Cruz (ex-Picada Velha).

Os demais distritos são estes:

2º distrito - Boa Vista: surgiu em 1969; o censo do IBGE de 1980 acusou 3.255 habitantes;

3º distrito - Monte Alverne: em 1859, o presidente da Província, Angelo M. da Silva Ferraz, resolveu criar nas terras devolutas da margem esquerda do Arroio Castelhana, uma nova Colônia de Monte Alverne. A partir de 1860, a Colônia de Monte Alverne ficou subordinada a Santa Cruz e passou a ser distrito em 1896; conta atualmente com cerca de nove mil habitantes;

4º distrito - Sinimbu: foi criado pelo ato nº 102, de 5.5.1905, do intendente Galvão Costa; o censo de 1980 acusou 6.284 habitantes;

5º distrito - Erveiras: está localizado no alto da serra e foi criado em 1907;

6º distrito - Serafim Schmidt: também situado no alto da serra, foi criado em 1923, pelo intendente Gaspar Bartholomay;

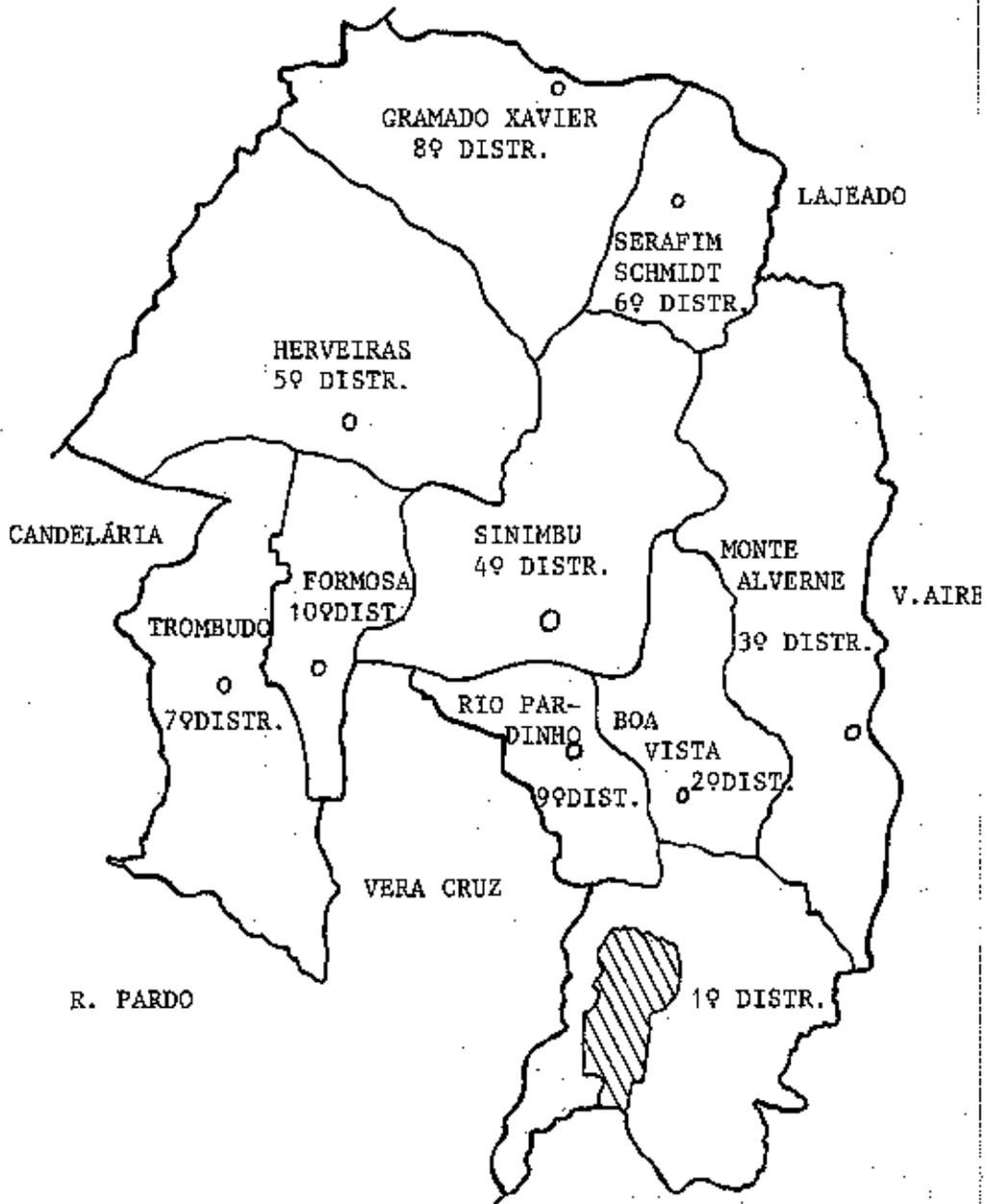
7º distrito - Trombudo: criado em 1924;

8º distrito - Gramado Xavier: surgiu em 1956, por ato do então prefeito Elíbio Mailänder;

9º distrito - Rio Pardinho: habitado desde 1852, quando era conhecido como Picada Nova, foi elevado a distrito em 1956;

MUNICÍPIO DE SANTA CRUZ DO SUL

BARROS CASSAL



R. PARDO

Mapa nº 02

109 distrito - Formosa: chamado antigamente "Hess-locher", foi criado em 1952, pelo prefeito Arthur Walter Kaempf.

A zona urbana de Santa Cruz do Sul está dividida em vinte e um bairros, com estas denominações: Várzea, Santo Inácio, Três Barulhos, Bom Jesus, Senai, Vila Schulz, Independência, Figueira, Arroio Grande, Belvedere, Dona Carlota, Faxinal Velho, Vila Margarida, Vila Verena, Vila Jardim, Jardim Esmeralda, Vila Nova, Bela Vista, Bom Fim, Vila Higienópolis e Centro.

#### 1.1.7.49 Distrito - Sinimbu

##### 1.1.7.1 Histórico

O ano de 1857 ficou estabelecido como marco inicial da colonização em Sinimbu, pelo imigrantes germânicos Backes, Henn, Dorfey, Bender, Thomé, Weigel, Schwendler.

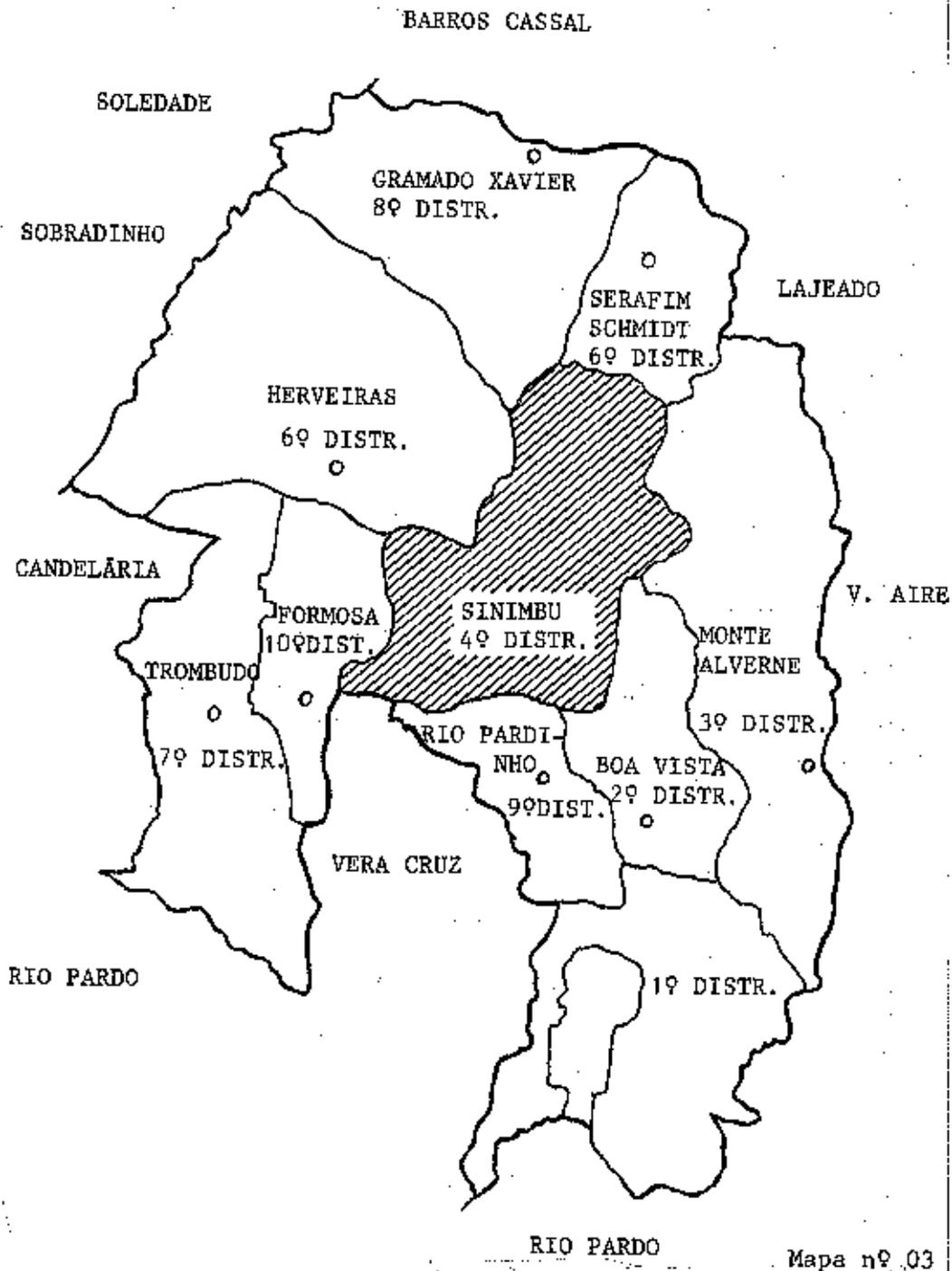
Já no início do século, despontava uma pequena vila. Em 1919, porém, um acontecimento funesto veio perturbar a localidade: uma enchente de proporções destruiu boa parte de Sinimbu. O saldo foi de três vítimas fatais e quase todas as casas totalmente arrasadas. A água chegou a bater no último degrau da igreja católica e invadiu a casa paroquial, ao lado; a casa paroquial da igreja evangélica foi totalmente destruída. Iniciou-se a reconstrução.

Hoje com mais de dez mil habitantes (o censo do IBGE de 1980 acusou 6.284 habitantes), espalhados numa área de 242 quilômetros quadrados, e distante 26 km da sede do município (Vide mapa 03), Sinimbu já pensa em emancipação. O fumo aparece como seu principal produto, podendo, em certos lugares, ser até considerado uma monocultura. Destacam-se, ainda, o plantio de soja e a criação de suínos.

Embora haja certo nível de pobreza, pode-se afirmar que, em média, na colônia a maioria ainda consegue viver relativamente bem, se comparada aos escassos recursos daqueles que tentam a sobrevivência nas cidades.

O povo sinimbuense caracteriza-se por manter uma estreita fidelidade aos costumes germânicos, o que se justifica pela existência de um linguajar alemão bastante clássico (principalmente na vila); é um povo que preserva e valoriza a religião, vivenciando e participando ativamente dos ofícios religiosos. Vinte e duas escolas estão instaladas em Sinimbu: uma é particular, uma do sistema estadual e as demais, da rede municipal. Apenas uma possui o 1º grau completo, abrigando

MUNICÍPIO DE SANTA CRUZ DO SUL



também o 2º grau. A maioria das restantes (14) é unidocente, abrigando da 1ª à 4ª série do 1º grau.

O nome Sinimbu, segundo se sabe, é homenagem ao Visconde de Sinimbu, que ordenou a colonização das terras do atual distrito de Santa Cruz do Sul. Sinimbu ou tijibu, segundo o dicionário, é também o nome indígena do camaleão (v. "camaleão" - Novo Dicionário Aurélio, 1ª edição, 12ª impressão, p.259).

#### 1.1.7.2 Religião

O sentimento religioso constituiu característica marcante dos imigrantes, fossem italianos, poloneses ou outros; os teutos não fugiriam à regra, conforme já mencionamos. A Paróquia Nossa Senhora da Glória, criada pelos germânicos, teve momentos marcantes. Testemunham os mais idosos que a marca das primeiras dificuldades está nos que labutaram na criação da paróquia. O padre, por exemplo, fazia seu trabalho pastoral deslocando-se de comunidade a comunidade no lombo de um burro. Mais tarde, favorecido pela sorte, o vigário ganhou na loteria e pôde comprar um carro, que lhe facilitou um pouco o trabalho, apesar das dificuldades com a estrada da época.

Após superadas as dificuldades iniciais, a caminhada da hoje paróquia jubilar (completou 50 anos em 03 de março de 1987) foi sendo feita. Hoje conta com quarenta e cinco grupos de base, além de cinco grupos de jovens. Nela se encontram, além da Igreja Matriz, mais quatro capelas; são, entretanto, mais de vinte os locais em que se realizam celebrações, isto em escolas ou nas próprias casas de família ou salões comunitários.

Uma particularidade da paróquia é a Pastoral Negra, possuindo "oito grupos onde a situação dos morenos é discutida e onde eles fazem suas celebrações, uma vez que são um pouco retraídos por estarem numa região alemã" (Riovale Jornal, 21.03.87 - p.15). Segundo o padre Seno Wieckert, atual vigário paroquial e um dos quatro informantes religiosos entrevistados, a Pastoral dos Negros é "uma das maiores gratificações que está tendo em seu trabalho, uma vez que percebe que está auxiliando um grupo de paroquianos que sentem dificuldades em participar dos momentos normais da comunidade. Nos seus grupos, enfatizou ele, os morenos se sentem mais à vontade e vivem mais sua realidade" (Ib. citação anterior).

No lado protestante, não é diferente: em 1907, após cinquenta anos da vinda dos primeiros evangélicos alemães ao Brasil, as comunidades de Sinimbu e São João fundaram a Paróquia Evangélica de Sinimbu, que completou oitenta anos a 06 de junho de 1987.

A história dessa paróquia iniciou em 1907, quando os membros das comunidades de Linha São João e Sinimbu decidiram formar uma paróquia própria. Eram membros da diretoria Otto Wojahn, Jacob Kuentzer, Ernst Knod e Karl Boettcher. Criou-se também uma comissão para estudar o assunto da autonomia, composta por Cristian Marquardt, Hermann Wegner, Ernst Knod, Karl Wojahn, Ernst Spiegel e Friedrich Schulz. Todos evidentemente de origem teuta.

Os primeiros evangélicos tinham vindo em 1857 da Alemanha para morar naquela localidade. Eles vieram da região do Mar Báltico, da Pomerânia, da costa do Reno, do principado de Birkenfeld, de Oldenburg e da província de Hessen. Começaram a officiar seus cultos na residência do colono Nicolaus Leonhardt, mas já a partir de 1859 aproveitaram a escola.

O pastor Klaus-Ulrich Werner, de nacionalidade alemã e também um dos informantes religiosos para a presente pesquisa, é o responsável pela paróquia desde 1978. É intensa sua atividade, sendo composta por mais de dez comunidades; destaque especial é dado à Ordem Auxiliadora de Senhoras. Segundo o pastor Werner, "na comunidade há um grande interesse em participar de todos os momentos do culto com muita intensidade; (...) é impressionante a quantidade de crianças, entre três e doze anos, que se deslocam, todos os sábados à tarde, para a igreja, com finalidade de assistir ao culto infantil" (Gazeta do Sul, 06.06.87- p.15).

## 2 - REFERENCIAL TEÓRICO

O tema da presente pesquisa - INTERFERÊNCIA ENTRE A LÍNGUA PORTUGUESA E UM DIALETO ALEMÃO - remeteu-nos, de início, a dois objetivos imediatos, os quais teriam que ser alcançados, antes de mais nada: informações sobre o referencial teórico; em outras palavras: o que é bilinguismo? sob que aspectos pode ser entendido? o que é interferência? como pode ocorrer? que tipos são mais encontrados? - e, em segundo lugar, que metodologia adotar para efetuar em estudo sobre interferência lingüística?

### 2.1 Bilinguismo

Beziars e Van Overbeke (1968:112-31) e Van Overbeke (1971:112-18) discutem vinte definições de termo bilinguismo, sob três títulos - descritivo, normativo e metodológico. Uma definição descritiva muito citada e adotada é a de Haugen

(1953:6), que classifica como bilíngüe qualquer falante de uma língua que é capaz de "produzir empregos completos e com significado em outra língua". Poderíamos acentuar que os "empregos não são apenas os que o falante ouviu ou leu antes, e adaptar a definição à terminologia geral para ler: "Um falante que é capaz de gerar empregos gramaticais em duas línguas" (Clyne, Michael, 1972:5). Esta definição revista poderia também enfatizar que existem bilíngües ideais (verdadeiros) que são igualmente proficientes em ambas as línguas. "Gerar", pois, segundo Clyne, incluiria tanto codificação como decodificação.

No momento em que analisarmos o campo lexical do qual um bilíngüe é membro, verificaremos que ele contrasta com monolíngüe, equilíngüe, trilíngüe e multilíngüe. Equilíngüe (bilíngüe verdadeiro, equilibrado) é o item que pertence a definições normativas das quais "bilíngüe" tem-se separado. Em outras palavras, equilíngües são uma subclasse selecionada de bilíngües.

A definição de bilíngüe diferencia claramente o que é um monolíngüe (isto é, algo "menos que" um bilíngüe). Por analogia com bilíngües, trilíngües são falantes capazes de gerar empregos gramaticais em três línguas; e falantes multilíngües, falantes que podem gerar empregos gramaticais em mais do que três. A divisão entre tri e multilíngüismo não é usual, e bi e multilíngüismo não são com freqüência diferenciados com a implicação de que os mesmos processos estão envolvidos.

O termo ainda não bem explicado, segundo Clyne, é línguas. Beziere e Van Overbeke (1968) descrevem bilingüismo entre três tipos de línguas - duas línguas-padrão; uma língua-padrão e dialeto relacionado; e uma língua-padrão e um dialeto não-relacionado a ela. A graduação do exposto pode apresentar um problema, se interpretarmos o "dialeto relacionado" como significando o que é normalmente aceito como uma variante regional de uma língua-padrão, e o dialeto não-relacionado significando uma variante regional de outra língua padrão (como alemão-padrão, Zúritütsch; francês-padrão, dialeto antuérpio do holandês, conforme exemplifica Clyne). Cada dialeto é um sistema de signos no seu próprio direito e deve ser considerado como uma língua separada. Poder-se-ia considerá-lo como sistema separado ou como um sendo subsistema do outro? Hammerström (1968), citado por Clyne, demonstra que existem três interpretações legítimas e lingüísticamente consistentes:

- língua falada, em primeiro lugar; escrita, em segundo;

- língua escrita, em primeiro lugar; falada, em segundo;

- sistemas independentes e iguais.

Se nos referirmos a línguas como o chinês, provavelmente consideraremos as línguas escrita e falada como sistemas autônomos. Entretanto, esta interpretação pode também servir como base de investigação de fenômenos de interferência.

Hocket (1958), por seu turno, considera bilingües "comunidades de fala intermediárias". Alguns pesquisadores têm ido tão longe a ponto de compará-los ao "homem marginal" da sociologia (Soffiatti 1955, apud Gumperz, J.J., 1972).

Weinreich comumente também fala de "comunidades de fala bilingües" ao descrever os falantes iídiches da Europa Oriental (1953). Mais tarde, sob o ponto de vista da função social, a distinção entre bilingüismo e bidialetismo com frequência não é significativa (Gumperz 1961 a:13; Martinet 1964:1).

Gumperz, então, pretende empregar o termo "comunidade lingüística" em analogia ao termo de Emeneau "área lingüística". Quer defini-lo como um grupo social que pode ser tanto multilingüe quanto monolingüe, mantido unido pela frequência de padrões de interação social e separado das áreas que o cercam pela fragilidade nas linhas de comunicação. Já em sociedades lingüisticamente homogêneas, no entanto, as marcas verbais de distinções sociais tendem a ser restritas a traços estruturalmente marginais de fonologia, sintaxe e léxico. Em qualquer outra parte, elas podem incluir tanto linguagens literárias-padrão como dialetos locais gramaticalmente divergentes. Em muitas sociedades multilingües, a escolha de uma língua sobre outra possui o mesmo significado que a relação entre alternâncias lexicais em sociedades lingüisticamente homogêneas. Em tais casos, duas ou mais gramáticas podem ser necessárias para cobrir o campo total de expressões lingüisticamente aceitáveis que servem para transmitir significados sociais.

Foi em Mackey (1962) que encontramos o assunto mais clara e detalhadamente exposto: ele inicia, postulando que "Bilingüismo não é um fenômeno de língua; é a característica do seu uso. Não deve pertencer ao domínio da 'langue', mas da 'parole'" (Mackey, 1962, apud Fishman 1968:555).

Segundo Mackey, é importante não confundir bilingüismo - o uso de duas ou mais línguas pelo indivíduo - com o conceito mais geral de contato lingüístico, que se refere à influência direta ou indireta de uma língua na outra, resultando em mudanças na "langue" que se tornam propriedade

permanente de monolíngües e ingressam no desenvolvimento histórico da língua. Tais influências estrangeiras, sem dúvida, podem ser atribuídas a períodos passados de bilingüismo de massa, como no caso do elemento escandinavo no inglês. Mas bilingüismo não é a única causa de influência estrangeira; a presença de palavras como "coffee" e "sugar" no inglês não prova um período de bilingüismo anglo-arábico. Contato lingüístico, pois, segundo Mackey, inclui o estudo de empréstimo lingüístico.

Se a língua é a propriedade do grupo, bilingüismo é a propriedade do indivíduo. Um uso individual de duas línguas supõe a existência de duas diferentes comunidades lingüísticas; não supõe a existência de uma comunidade bilíngüe. A comunidade bilíngüe só pode ser considerada como um grupo dependente de indivíduos que possuem motivos para serem bilíngües.

O conceito de bilingüismo tem-se ampliado desde o início do século. Foi longo tempo encarado como o domínio igual de duas línguas. Bloomfield considerou bilingüismo como "o contato nativo de duas línguas" (L. Bloomfield, Language, New York, Holt, 1933:56). Isto foi ampliado por Haugen à habilidade de produzir "empregos completos com significado em outra língua" (E. Haugen, 1953, vol. 1:7). E agora, tem-se sugerido que o conceito se estende apenas a incluir "conhecimento passivo" da língua escrita ou algum "contato com prováveis padrões numa segunda língua e a habilidade de empregá-los no ambiente da língua nativa" (A. R. Diebold Jr., 1961:111).

Esta ampliação do conceito de bilingüismo, segundo Mackey, deve-se à constatação de que o ponto em que um falante de uma segunda língua se torna bilíngüe é tanto arbitrário como impossível de determinar. Parece óbvio, portanto, que, se estudamos o fenômeno de bilingüismo, somos forçados a considerá-lo algo inteiramente relativo. Precisamos, além disso, incluir o uso não somente de duas línguas, mas de qualquer número de línguas. Poderemos, portanto, considerar bilingüismo como "o uso alternado de duas ou mais línguas pelo mesmo indivíduo" (Mackey, op.cit:555).

O que envolve este posicionamento? Desde que bilingüismo é um conceito relativo, envolve, segundo Mackey, a questão de gradação. Até que ponto o indivíduo conhece a língua que usa? Em outras palavras, até que ponto é bilíngüe? Envolve também a questão de função: para que ele usa suas línguas? Que papel as mesmas desenvolvem no seu modelo de comportamento total? Terceiro, inclui a questão de alternância: a que ponto há alternância entre suas línguas? Como ele muda de uma para outra e sob quais condições? Quarto, inclui a questão de interferência. Até onde ele as funde? Como o uso

de suas línguas influencia a outra?

Depreende-se daí que o bilingüismo, para ser descrito completamente, necessita levar em conta as características acima. Não se pode confundir "descrição bilíngüe" com "descrição de biligüismo". "Descrição bilíngüe" é, para Mackey, um termo que tem sido empregado para denotar a análise contrastiva de duas línguas com o propósito de descobrir as diferenças entre elas. É também conhecida como "descrição diferencial". Descrição diferencial é um requisito para a análise de uma das mais importantes características de bilingüismo - interferência, que abordaremos daqui a pouco.

Para Heye (1983), o bilingüismo societal, termo assim empregado, pode ser pesquisado numa abordagem macro ou micro-sociológica. Na primeira, obtêm-se levantamentos sobre as nações inteiras, principalmente através de recenseamentos e de pesquisas de opinião pública. Na segunda, já é analisado o comportamento verbal de falantes bilíngües em seu cotidiano, o que serve para caracterizar a fala de uma determinada comunidade bilíngüe.

Interessam-nos aqui os estudos micro-sociológicos do bilingüismo, nos quais baseamos a presente pesquisa. Os mesmos, como se sabe, concentram-se no comportamento verbal do falante do ponto de vista intragrupal: estuda-se o emprego de duas ou mais línguas entre indivíduos ou grupos de uma mesma comunidade lingüística, enfatizando-se o aspecto individual do bilingüismo.

No que se refere aos grupos aqui mencionados, com freqüência ouve-se que uma pessoa não sabe falar direito nem uma nem outra língua, que ela mistura tudo, usando uma palavra de uma língua ao lado de uma palavra noutra língua, indiscriminadamente. Com referência à comunidade bilíngüe de Sinimbu, não poderia ser diferente, observando-se, inclusive, fatos curiosos como situações informais de comunicação - em intervalos, nas escolas, por exemplo - onde os interlocutores, entre sete e quinze anos de idade, emitem poucos enunciados inteiramente monolíngües.

Weinreich (1953), em relação a este fenômeno, já afirmava que o falante bilíngüe ideal muda de uma língua para outra de acordo com mudanças adequadas na situação da fala, mas não numa situação da fala que não mudou e certamente não dentro de um único enunciado. Esta afirmação, por certo, não abrange os falantes de Sinimbu, por não serem considerados bilíngües ideais, conforme constatado pelos testes aplicados. Lá, numa situação relaxada de comunicação, a troca de código, num único enunciado, pode ser considerada fato bastante corriqueiro inerente a uma comunidade bilíngüe.

Menos fácil, entretanto, é aceitar com tranquilidade

de a afirmação de Labov (1972), para quem dois sistemas lingüísticos não se misturam simplesmente como uma salada de frutas.

## 2.2. Transferências e interferências

Clyne (1967 a:19) opta pelo termo transferência em preferência a interferência. O segundo termo não tem sido apenas empregado por Weinreich (1953:1): exemplos de desvios das normas de cada língua que ocorrem na fala de bilíngües como um resultado de sua familiaridade com mais de uma língua. Haugen (1956:50) o emprega no sentido de sobreposição entre duas línguas, e Schwanzer (1969:9), para cobrir "regelmässig wiederkehrende Adaptionen der Teilstrukturen... der beiden Sprachen" (adaptações da estrutura comum, das duas línguas, que vão e vêm regularmente) baseadas em "Erfahrungen einer grösseren Anzahl von Sprechern" (experiências de um maior número de falantes). Enquanto interferência aponta, ao menos parcialmente, à causa do fenômeno, Clyne pretende, adotando transferência, apenas descrever o fenômeno, isto é, a adoção de alguns elementos ou traços da outra língua.

A transferência, assim considerada, pode ser atribuída à interferência retroativa ou a outros fatores não necessariamente relacionados ao conhecimento do falante do português - como não tendo mesmo conhecido uma determinada palavra em alemão, ou a tendo esquecido temporária ou permanentemente, substituindo-a pelo item em português correspondente. Transferência é realmente da competência lingüística do falante, que pode desviar da norma geral, assim como, segundo a comparação de Clyne (1967 a:28), viver de aluguel.

Os rípos de transferência que encontramos em Clyne, no seu estudo de língua falada, são os seguintes (op.cit.:9):

- Morfossemântica: a transferência de palavra na forma e no significado, como gum-tree (termo inglês) em alemão;

- Semântica: a transferência de palavras apenas no significado (semema), como Gummibaum usado em alemão no sentido de gum-tree (seringueira);

- Morfêmica: a transferência de morfemas presos, como Düsseldorfer (adj. -de Düsseldorf), no inglês de falantes ingleses do alemão;

- Morfológica: a transferência de um padrão morfológico (na verdade, não empregado neste exemplo particular), como em Springtime Street, no inglês de falantes ingleses do alemão;

- Fonêmica: a transferência de um fonema (ou a ausência do mesmo), como em /k/ para /x/ no alemão: [nãkt];

- Alofônica: a transferência de um alofone, como /t/ - [bãt] para [bã] (fonológica pode ser empregada para abranger tanto a fonêmica como alofônica);

- Prosódica: a transferência do acento ou entonação;

- Sintática: a transferência de uma regra sintática, como em "wenn ich war virzehn" (quando eu tinha quatorze anos, na estrutura sintática do português);

- Léxico-sintática: a transferência simultânea de uma construção (isto é, de regras sintáticas) e de um ou mais dos lexemas que fazem parte da mesma - combinação de transferência morfossemântica e sintática, como em "...wenn der Vater hat keine Farm" (se o pai não possui nenhuma fazenda, na estrutura léxico-sintática do português).

Todos os tipos de transferência exceto as fonêmicas, alofônicas e prosódicas se aplicam também à língua escrita.

Weinreich (1953:11:12), por sua vez, diferencia interferência na língua de na fala, com a predominância da última. Se, de um ponto de vista sincrônico, um fenômeno penetra na língua, antes do que na fala, ainda ocorre interferência, conforme ele. Poder-se-ia, também, considerar a diferença entre algo que é parte normal da língua do indivíduo (idioleto) e algo que a comunidade inteira vivencia (língua, dialeto, socioleto), conforme Clyne.

Em Mackey, encontramos que as características de gradação, função e alternância é que determinam a interferência de uma língua na outra, na fala de bilíngües. Interferência, portanto, será o uso de traços de uma língua enquanto falando ou escrevendo outra.

A gradação refere-se à habilidade de ouvir x escrever e falar x escrever nos níveis gráfico-fonológico, gramatical, lexical, semântico e estilístico. A função, às condições em que o bilíngüe usa a língua, as quais podem ser: a) externas: número de áreas de contato e variação de cada uma em duração, frequência e pressão (ex.: o uso lingüístico no lar, na comunidade, na escola, e o rádio, a televisão e a imprensa) e b) internas: usos não-comunicativos, como fala interior e a expressão de atitudes intrínsecas que levam a habilidade bilíngüe a resistir ou tirar proveito de situações com as quais entra em contato. A alternância, por sua vez, remete-nos ao assunto, pessoa e tensão, que parecem ser três fatores de alternância de uma língua para outra, determinando

a interferência na fala de bilíngües.

A descrição de interferência precisa ser distinguida, segundo Mackey, da análise do empréstimo lingüístico. A primeira é um traço de "parole"; o segundo, de "langue". Uma é individual e eventual; outro, coletivo e sistemático.

No empréstimo lingüístico encontramos relação com integração: traços de uma língua são usados como se fizessem parte da outra. Estes traços estrangeiros ou externos são usados por falantes monolíngües que não conhecem nada da língua da qual se originaram tais traços. Os empréstimos, entretanto, podem estar integrados em apenas um dos dialetos da língua e não nos outros. Se empréstimos lingüísticos estão integrados no português de Portugal, por exemplo, eles não são necessariamente parte do português do Brasil. De fato, a integração de traços emprestados pode ser limitada à língua de uma comunidade de aldeia.

Um bom exemplo disto, apontado por Mackey (op.cit.:570), encontra-se no estudo das variedades do alemão falado na multilíngüe Banat (região próxima à Rumênia), onde grupos étnicos germânicos estão espalhados entre grupos lingüísticos não-germânicos que falam húngaro, sérvio e rumêno. Se o uso do artigo entre os alemães de Banat for analisado, verificar-se-á que o mesmo pode variar de aldeia para aldeia. Uma aldeia germânica pode usar "die Butter" (a manteiga), enquanto outra, "der Butter"; uma pode usar "das Auto" (o automóvel), enquanto outra pode usar "der Auto". Em alguns casos, o traço emprestado pode ser integrado à língua de um segmento da aldeia. Não pode ser distinguido por sua integração na fala da comunidade.

Em contradistinação à consistência do uso de traços emprestados na fala da comunidade, ocorre a vacilação no uso de traços estrangeiros por seus indivíduos bilíngües. Na fala de bilíngües, o padrão e a soma da interferência não são os mesmos em todo o tempo e sob todas as circunstâncias. A interferência pode variar com o meio, o estilo, o registro e o contexto que o bilíngüe estiver usando.

O meio usado pode ser falado ou escrito. Bilíngües parecem resistir à interferência, segundo Mackey, quando escrevendo a um amigo mais do que quando falando com ele. Interferência também varia com o estilo do discurso usado: descritivo, narrativo, conversacional, etc. O tipo e a soma de interferência observada no relato de uma anedota pode diferir bastante daquela notada numa conversação diária entre dois locutores.

Interferência pode também variar de acordo com o papel social do falante em cada caso específico. É o que se chama registro. Um bilíngüe pode ter certeza de que todas as suas palavras são alemãs, se ele está emitindo uma fala em

alemão pelo rádio; mas ao mesmo tempo ele pode estar completamente despercebido de muitos casos de interferência sintática que se insinuaram na sua fala. Se, entretanto, ele estiver relatando o conteúdo da fala a seu companheiro de bar, a proporção de interferência sintática pode ser bem menor.

Interferência também pode variar de situação para situação. Um exportador teuto-brasileiro recém-vindo de negócios na Alemanha falará sobre os mesmos a seus amigos com maior interferência germânica imediatamente após seu retorno do que se observará quando recontar os mesmos fatos três meses depois.

Interferência, por fim, segundo Mackey, varia de texto para texto. É o texto, portanto, num contexto usado com um registro específico num determinado estilo e meio de um determinado dialeto, o exemplo apropriado para a descrição de interferência. Desde que cada texto pode variar em tamanho, isto também deve ser levado em conta se, junto com diferentes tipos de interferência, tem-se a idéia da proporção de cada tipo e da porcentagem total de interferência. Em cada texto, ou exemplo de fala, analisamos a interferência de apenas uma das línguas na língua predominante ou dialeto. Se a língua predominante for o alemão, observamos elementos que são estranhos ao dialeto alemão particular usado. Procuramos elementos que não estão integrados no dialeto.

A descrição de interferência, segundo a teoria de Mackey, requer três procedimentos: a descoberta do elemento estrangeiro exato que é introduzido pelo falante em sua fala; a análise do que ele faz com o mesmo - suas substituições e modificações; e uma avaliação da extensão da substituição de elementos nativos por estrangeiros.

O primeiro procedimento consiste na identificação de elemento estrangeiro, comparando-o com seus correspondentes na fala monolíngüe da área, e descobrindo o modelo na língua estrangeira responsável pela interferência. Este procedimento depende de uma descrição completa e acurada das duas línguas envolvidas e de uma análise das diferenças entre as mesmas.

Se Weinreich, como já assinalamos, definiu o fenômeno de interferência como manifestações de desvio da norma de cada uma das línguas na fala de bilíngües, como resultado do seu conhecimento de mais de uma língua; se Haugen, por sua vez, encara a interferência como indicando a causa do fenômeno, enquanto a transferência apenas descreve o fenômeno do uso de qualquer elemento ou traço de uma língua numa outra, Heye (1983) prefere o termo transferência. É o mais neutro, segundo ele, destacando aqueles tipos de transferência no alemão falado no Brasil, cujos exemplos consideramos oportuno

reproduzir (1983:13):

a) Morfossemântica: transferência de palavras<sup>6</sup> em forma e significado: Da hab ich eine cobra coral gesehen (Aí vi uma cobra coral);

b) Semântica: transferência do significado, mas não da forma: Da hab ich eine Korallenschlange gesehen (Aí vi uma cobra coral);

c) Morfológica: transferência de morfemas gramaticais (formas presas): Mit dem fiscal haben wir kombiniert (Combinamos com o fiscal);

d) Fonológica: transferência (ou ausência) de um fonema ou de um traço, isto é, o não-arredondamento de vogais arredondadas anteriores na fala de descendentes alemães sob influência do português: [tʰl̥te - tite], [ʃõn-ʃën] (sacola, bonito);

e) Sintática: transferência de uma regra sintática: Als ich hate zwanzig Jahre (Quando tinha vinte anos);

f) Léxico-sintática: transferência de uma regra sintática e um ou mais lexemas que fazem parte desta construção. Exemplo de combinação de transferência morfossemântica e sintática: Dann sie gingen nach Escola Agrícola (Aí eles foram para a Escola Agrícola; na estrutura léxico-sintática do alemão, o correto é: "Dann gingen sie nach...").

Clyne e Heye, como se percebe, têm muito em comum. O primeiro, entretanto, é mais detalhado em sua classificação: enquanto distingue transferência morfêmica e morfológica, o segundo prefere abrangê-las numa só (morfológica); Heye omite também a transferência fonêmica, nos moldes de Clyne, considerando fonológica a transferência alofônica apontada por Clyne.

### 2.3 Bilingüismo: além da lingüística

Do exposto, concluímos que o bilingüismo não pode ser descrito somente dentro da ciência lingüística; é preciso ir além.

Para Mackey (op.cit.:583), a lingüística tem-se interessado pelo bilingüismo apenas até onde poderia ser usado para explicar mudanças numa língua, desde que a língua, não o indivíduo, é o próprio assunto desta ciência. A psicologia tem considerado o bilingüismo como uma influência em processos mentais. A sociologia tem tratado o bilingüismo como um elemento no conflito cultural. A pedagogia tem-se relacionado

com o bilingüismo em conexão com a organização escolar e o meio de instrução. Para cada uma dessas disciplinas, o bilingüismo é incidental, segundo Mackey; é tratado como um caso especial ou uma exceção à norma. Cada disciplina, perseguindo seus próprios interesses particulares no seu modo particular, colaborará, de tempos em tempos, para o crescimento da literatura sobre o bilingüismo. Mas parece adicionar pouco à nossa compreensão de bilingüismo como tal, com suas inter-relações psicológicas, lingüísticas e socialmente complexas.

O que se necessita, ainda conforme Mackey, é de uma perspectiva na qual estas interrelações possam ser consideradas. É preciso considerar bilingüismo um fenômeno mais individual do que grupal. Isto possibilitará uma análise melhor e mais detalhada de tudo que acarreta.

Para um completo estudo, entretanto, existem três passos remanescentes, segundo Mackey: primeiro, é preciso testar as pesquisas através do uso extensivo na descrição de uma variedade de casos de bilingüismo individual; segundo, é necessário descobrir até que ponto fatores de uma pesquisa precisam ser correlacionados com fatores nas outras; e, em terceiro lugar, é preciso quantificar aqueles fatores que permanecem não-quantificados, para chegar a um método que leve à completa descrição de bilingüismo.

## 2.4 A metodologia

### 2.4.1 Sociolingüística quantitativa

Este modelo teórico-metodológico foi iniciado pelo americano William Labov. Isto não significa que ele tenha sido o primeiro sociolingüista a efetuar investigação lingüística; significa, sim, que foi ele quem insistiu com mais veemência na relação entre língua e sociedade e na possibilidade de sistematizar a variação existente e própria da língua falada. Seu modelo pode também ser rotulado de "sociolingüística quantitativa", pois opera com números e tratamento estatístico dos dados coletados.

"Que tipo de comunidade estudar? Pequenas ou grandes? Rurais ou urbanas? Industrializadas ou não? Quais informantes selecionar e quantos? Como entrar na comunidade e fazer os primeiros contatos com os informantes?" (Tarallo, 1985:26).

O autor de "A pesquisa sociolingüística" (vide bibliografia) propõe algumas estratégias, de utilidade para o candidato a pesquisador:

a) que jamais se deixe claro que o objetivo da pesquisa é estudar a língua tal como é usada, pela comunidade ou

grupo; que se procure, em vez disso, colocar ao informante os objetivos da pesquisa fora do campo da linguagem;

b) que se esclareça sempre ao informante que a fita gravada poderá ser inutilizada a pedido do entrevistado, na presença do mesmo;

c) que se procure acomodar o comportamento social e lingüístico ao do grupo ou da comunidade entrevistada;

d) que se procure entrar na comunidade através de terceiros, isto é, pessoas já aceitas pela comunidade;

e) que o critério básico para a seleção dos informantes seja o da amostragem aleatória, sendo imprescindível a consulta ao censo da comunidade;

f) que se estabeleçam parâmetros rígidos para a seleção de informantes; por exemplo, sejam entrevistados somente aqueles que ou tenham nascido na comunidade ou a ela tenham chegado até os cinco anos de idade.

Na segunda parte deste trabalho, pretendemos tecer alguns comentários a respeito do que foi acima sumariado.

Segundo Dorian (1981), para este tipo de trabalho de pesquisa sociolingüística, empregam-se também, com resultados bastante abrangentes, questionários: no caso da presente pesquisa, os mesmos, na primeira etapa, têm o objetivo de efetuar um levantamento real e o mais exato possível da situação de utilização da língua na comunidade em estudo.

Dados extraídos de questionários, segundo Dorian, são amplamente usados e valorizados em ciência social em geral, tanto que o estudo pode ser considerado mais completo e mais válido, se suas fontes de informação em potencial forem realmente obtidas. Outra razão para introduzir questionários num trabalho desta natureza é sua relativa facilidade, rapidez de distribuição e coleta, de forma que o pesquisador pode abranger maior número de pessoas do que poderia observar ou entrevistar pessoalmente, seja através de gravações ou não.

Existem, por outro lado, segundo Dorian, certos problemas inerentes ao emprego de questionários, mais facilmente evitados em entrevistas e na observação participativa. Se os questionários são simplesmente distribuídos, ao contrário que administrado numa entrevista (em cujo caso as vantagens da velocidade e maior abrangência do caso são normalmente perdidas), o pesquisador perde um maior controle sobre os resultados. Ele nem apenas sabe, por exemplo, se a pessoa a quem deu o questionário é a mesma que o preencheu. Igualmente importante, ele não é capaz de detectar incertezas e enganos de interpretação dos informantes.

Se ele não estiver presente no momento do preenchimento do questionário, não pode responder perguntas ou deta-

lhar as instruções necessárias; e se ele está presente, pode afetar de modo contrário as respostas; por exemplo, fazendo com que o informante se apresse ou inadvertidamente forneça uma indicação sobre a resposta que ele espera.

#### 2.4.2 Sociolinguística qualitativa

Metodologias qualitativas referem-se a pesquisar procedimentos que produzem dados descritivos: as palavras escritas e faladas das próprias pessoas e comportamento observável.

Esta abordagem remete-se a colocações e indivíduos, segundo Bogdan (1975), dentro daquelas colocações de modo holístico: em outras palavras, o sujeito do estudo, seja numa organização ou individualmente, não é reduzido a uma variável isolada ou a uma hipótese, mas é visto como parte de um todo.

Os métodos pelos quais se estudam pessoas sob o ponto de vista de suas necessidades afetam o seu modo de vida. Quando se reduzem pessoas a somas estatísticas, perde-se a visão da natureza subjetiva do comportamento humano. Métodos qualitativos permitem-nos conhecer as pessoas pessoalmente e a ver como desenvolvem suas próprias definições sobre o mundo. Experimentamos o que elas experimentam em suas lutas cotidianas em sua sociedade. Aprendemos sobre grupos e experiências sobre as quais podemos não saber nada. Finalmente, métodos qualitativos nos capacitam a explorar conceitos cuja essência está perdida em outras abordagens de pesquisa, segundo Bogdan. Tais conceitos, como beleza, dor, fé, sofrimento, frustração, esperança e amor podem ser estudados tal como são definidos e experimentados pelo povo em suas vidas diárias.

Assim, segundo E.W. Burgess (in Bogdan: 5), "na história da vida é revelada, como em nenhuma outra forma, a vida interior da pessoa, suas lutas morais, seus sucessos e falhas ao proteger o seu destino num mundo por inúmeras vezes em desacordo com suas esperanças e ideais".

As duas abordagens que constituem a base dos métodos qualitativos e nas quais se apóia Bogdan, em sua teoria, são a observação participativa e os documentos pessoais, incluindo entrevistas. Assinala, entretanto, não serem os únicos métodos pelos quais se pode adquirir compreensão fenomenológica, procurando incentivar a criatividade e a inovação em métodos de pesquisa de campo. E finaliza que a pesquisa qualitativa pode ser empregada para se aplicar a problemas organizacionais e outros. Jornais sobre profissões práticas apresentam outra importante fonte de descobertas qualitativas, representando alternativas reais e significativas para o

pesquisador qualitativo.

Ao que parece, a metodologia qualitativa tem-se aplicado com maior frequência à área sociológica, prestando-se, com resultados efetivos, ao estudo que envolva, mais do que os lingüísticos meramente, hábitos referentes a atividade comunitárias, como: modo de vida das pessoas, sob o ponto de vista sócio-econômico.

## 2 - A PESQUISA SOCIOLINGÜÍSTICA

A pesquisa, intitulada INTERFERÊNCIA ENTRE A LÍNGUA PORTUGUESA E UM DIALETO ALEMÃO, realizou-se de agosto de 1985 a dezembro de 1986, na localidade de Sinimbu, 4º distrito de Santa Cruz do Sul, Rio Grande do Sul, dividindo-se em duas etapas: a primeira, nos moldes de Dorian (1981), desenvolveu-se de agosto a dezembro de 1985; após a tabulação dos dados coletados naquela fase, cumpriu-se a segunda etapa, nos moldes da pesquisa anteriormente realizada de Zanella (1984) sobre o italiano do município de Taió, em Santa Catarina.

O cronograma inicial previa o término deste trabalho para dezembro de 1986, incluído o relatório final; o mesmo, entretanto, teve de ser retardado até o mês de julho de 1987. Houve, portanto, entre a expectativa inicial e o fato real um desnível de sete meses, o qual não consideramos negativo, se levarmos em conta as condições em que foi levado a cabo, já que atividades profissionais outras, por vezes, assim o determinaram.

O relato que se segue pretende, antes de mais nada, ser bastante claro e objetivo, a fim de, menos que servir apenas como fecho de mestrado, poder ser útil principalmente para futuros candidatos a pesquisadores. Procuramos, perseguindo este objetivo, ser didáticos, o mais que pudemos.

### 2.1 Primeira etapa

O tema desta pesquisa de campo motivou-se em pontos principais: o primeiro, pessoal, pois falantes do alemão - é nossa primeira língua - e profundamente identificados com a cultura germânica, desde a infância, ser-nos-ia bem mais interessante e acessível uma pesquisa deste gênero. Faltava-nos uma metodologia adequada, a qual foi encontrada, através de nosso orientador, em Dorian, no seu estudo sobre a mortalidade lingüística do dialeto gaélico na Escócia. Enquanto o gaélico, língua minoritária, se extingue, gradativamente, em fa-

vor do inglês, na comunidade escolhida para esta pesquisa poderia estar ocorrendo o mesmo: o alemão sendo, pouco a pouco, sobrepujado pelo português.

Como população alvo, seguindo procedimento de Dorian, resolveu-se abranger todas as famílias de origem alemã que possuíssem filhos nas escolas de Sinimbu. Inicialmente, pois, recorreremos à SMEC (Secretaria Municipal de Educação de Santa Cruz do Sul), a fim de obter dados estatísticos sobre a matrícula geral nas vinte escolas municipais; para a coleta destes dados, no tocante à escola estadual, recorreremos à unidade da Secretaria Estadual de Educação; já para a obtenção desses dados na única escola particular, fomos direto à fonte.

A todos estes, apresentamos um ofício, assinado pelo diretor-geral da FISC (Faculdades Integradas de Santa Cruz do Sul), solicitando colaboração para com a profª Christa, a qual desenvolvia pesquisa sobre bilingüismo, como dissertação de mestrado na Universidade Federal de Santa Catarina. Feita a apresentação, tratávamos de historiar, mais ou menos minuciosamente, dependendo da necessidade, os objetivos do nosso trabalho.

Estávamos, agora, com os dados iniciais em mãos; havia vinte e duas escolas em Sinimbu: uma particular (comunidade católica), uma estadual e vinte municipais; o passo seguinte foi elaborar os questionários, nos moldes de Dorian, que seriam aplicados aos pais de alunos de origem alemã. Além disso, foi elaborado um questionário para as autoridades religiosas, de acordo com as instruções do professor orientador. Vale mencionar, também, que a adaptação dos questionários, bem como das baterias de testes (2ª etapa) ao português, baseou-se ainda em Zanella (já citado).

Foi a seguinte a situação encontrada (vide mapa nº 04): pela seqüência, nome da escola, localidade, distância do 1º distrito, diretor(a), número de alunos; séries que mantêm (cada item está separado por ponto e vírgula):

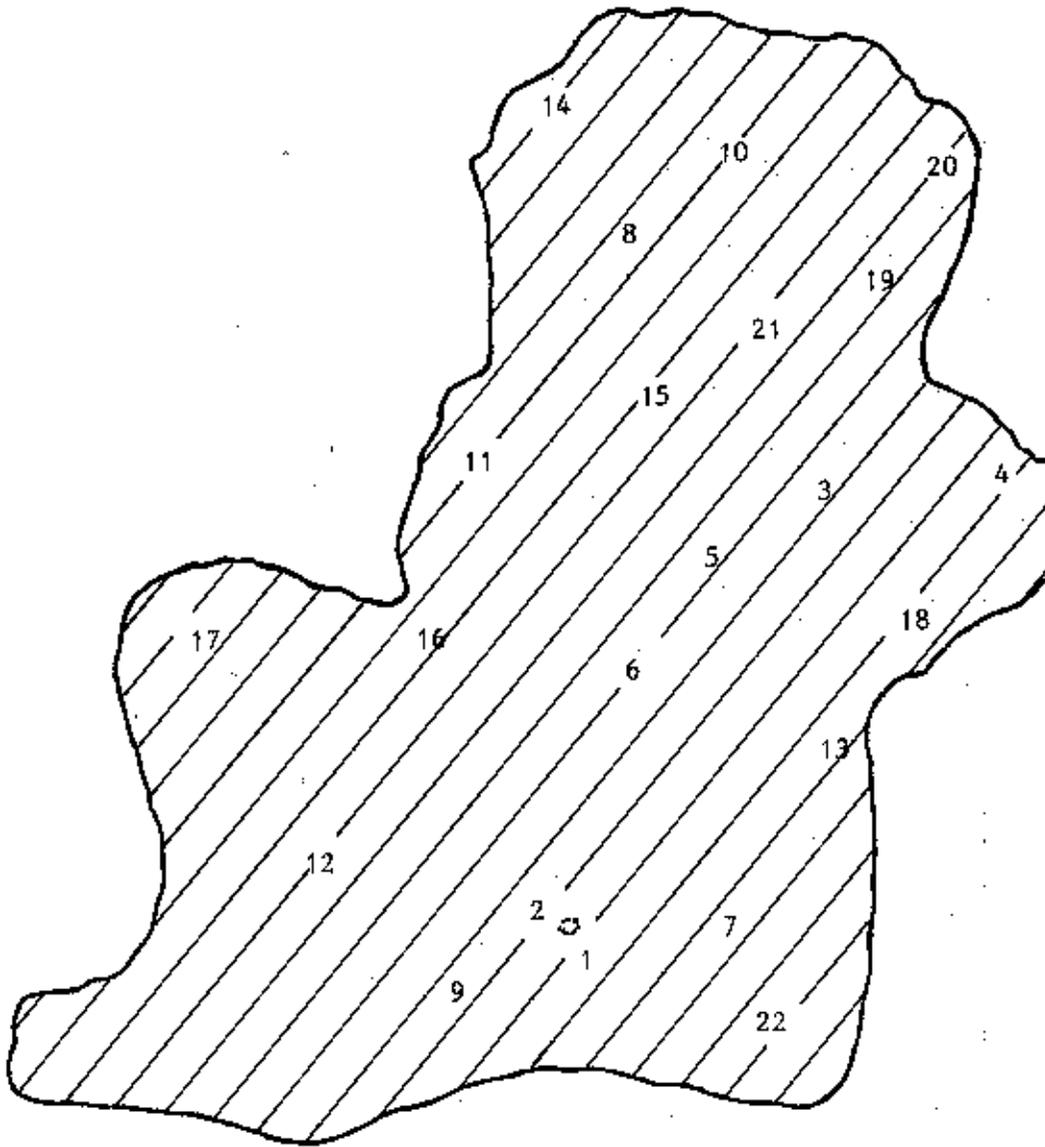
01. Escola Nossa Senhora da Glória (particular); vila; 23km; Irmã Elizabeth; 320; 1ª e 2ª Graus.

02. Esc. Est. Frederico Kops (estadual); vila; 23km; prof. Francisco Hoff; 108 alunos; 1ª grau.

03. Esc. Mun. de 1º Grau Incompleto André Klarmann; Linha Alto Rio Pequeno; 40km; profª Ines Wojahn; 47 alunos; 1ª a 4ª série.

04. Esc. Mun. Barão de Santo Angelo; Linha Paredão; 45km; profª Marli Vieira; 20 alunos; 1ª a 4ª série.

DISTRITO DE SINIMBU



Mapa nº 04